

A chuva

Livre do limite na altura em que a vista
impossível, a chuva transborda
como volume da noite, flui
horizontal no curso do silêncio
abatido na eternidade da rua que dos dias
se imprime plana na carne da terra.
Seu canto remora a melancolia da distância,
soletra interminável o nome da natureza,
como fonte, sabe do olvido no germe do passado,
cuja promessa delinea a clave de seu lamento.

O ócio da solidão embriaga-se pelo vinho,
cristal destilado no peso excessivo da nuvem
amadurecida rósea no crepúsculo.

A chuva recorta indefinida no tempo
uma cidade obtusa, cuja voz
porfia como silvo de pássaro entre
albergues empertigados.
Nas gotas do prelúdio do dia
ainda mergulha perene o convite do sonho,
véu que a luz deposita como vestígio
no abismo do esquecimento.